

UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DE LEITURA NO 2^o.GRAU*

Marli Francina Terra de MENEZES (*Universidade de São Paulo*)

ABSTRACT: After the analysis of the polyphony and enunciative heterogeneity of the journalistic chronicle "Zélia foi o bolero, PC Farias foi o tango by Marcelo Coelho" from Folha de São Paulo, according to Authier-Revuz, Ducrot e Cross, we show that the intertextuality which this type of text maintains with the literary texts constitutes an interesting strategy to the reading teaching in the high school.

0. Introdução

Ano a ano temos visto os jovens reclamarem sobre a obrigatoriedade da leitura dos clássicos no 2^o grau. No entanto, no jornal *A Folha de São Paulo*, os jornalistas responsáveis pelos editoriais e pelas crônicas fazem, freqüentemente, referências a obras clássicas e a personagens marcantes da humanidade.

E, se nós, professores, estimularmos os nossos alunos a lerem textos dessa natureza, estaremos tendo a oportunidade de alertá-los sobre as ligações estabelecidas entre os textos atuais e os produzidos em épocas anteriores.

Pretendemos, assim como Orlandi (1983:20), levar os estudantes a entenderem o funcionamento do discurso e a considerarem as condições de produção, que remetem o discurso ao contexto de enunciação e ao contexto sócio-histórico, para mostrar-lhes toda a incompletude do texto. E, isto para perceberem que os implícitos derivam da intertextualidade. Segundo Pêcheux apud Gadet e Hak (1993:85), a intertextualidade está relacionada às diversas formações discursivas a que o sujeito foi exposto

1. Fundamentação teórica

Para orientarmos os nossos jovens rumo à realização de uma leitura mais profícua que, realmente, os conduza a um maior enriquecimento intelectual, devemos induzi-los ao desvelamento do(s) sujeito(s) tal como propõem, de modo organizador, esclarecedor e complementar Authier-Revuz (1982: 91/151), Ducrot (1984:161/218) e Cross (1996:7)

* Esse trabalho foi apresentado em sessão de Posters coordenados

Seguindo as pegadas de Authier-Revuz, podemos, em um texto, determinar as múltiplas formações discursivas do sujeito às quais ele é submetido através da heterogeneidade mostrada e da heterogeneidade constitutiva. Isto porque, dentro da perspectiva lingüística, ela associa as formas marcadas do discurso à concepção dialógica do círculo de Bakhtin e/ou Volochinov e à concepção da psicanálise (através da leitura de Freud realizada por Lacan).

Buscando a reconstituição da história de leituras e as experiências desse mesmo sujeito, Ducrot reconhece-o como o autor e a origem dos atos ilocutórios realizados na produção do enunciado, que pode ser atribuído a um ou vários sujeitos, por isso ele aconselha a distinção entre locutor e enunciador. Locutor porque, nos fenômenos de dupla enunciação, ele é o responsável pelo enunciado, apesar de que pode fazer-se porta-voz de um outro e empregar *eus* que remetem tanto ao porta-voz quanto à pessoa da qual é porta-voz. Enunciador, porque há vozes que não são as do locutor, ele dá existência a elas, organiza seus pontos de vista e suas atitudes.

Cros clarifica a visão dos outros dois autores, ao postular a identificação do outro dentro do discurso e ressaltar a diferença existente entre a referência a um texto e a disseminação de um discurso sobre um fundo discursivo. A autora lembra que a heterogeneidade constitutiva de toda fala é necessária à gênese da noção de intertextualidade e distingue dois tipos de relações intertextuais: as encontradas sobre uma relação de co-presença entre dois ou mais textos - a citação, a referência, o plágio e a alusão; e as encontradas sob uma forma de derivação - a paródia e o pastiche.

2. Análise

Através da análise da heterogeneidade enunciativa do texto *Zélia foi o bolero*, *PC Farias foi o tango* (vide anexo), pudemos observar, através de uma imbricada rede de fios dialógicos mantidas por esse texto com outros textos, com o contexto situacional, e determinar a história de leituras do autor do texto e a filosofia que dá sustentação a sua crônica.

Seguindo as orientações de Ducrot (1984), verificamos que o locutor “L” (ser do discurso) vai gradativamente se distinguindo de (λ) - o locutor enquanto ser do mundo. Os (λ s) são: o jornalista (λ), o crítico literário (λ')

e o repórter (λ''). Consideramos esses (λ s) como se fossem diferentes personalidades de uma só pessoa. A primeira a se mostrar ao leitor é a (λ) do jornalista, através de uma linguagem objetiva, essencialmente, denotativa, pois o assassinato de PC é um fato concreto, inserido dentro de um contexto histórico-social compartilhado pelos brasileiros. Através da análise dos recursos estilísticos empregados, percebemos que a personalidade de (λ') vai se impondo sobre as demais (λ s). Observe o emprego rico e variado do adjetivo e de expressões equivalentes tal como fazem os ficcionistas. Já a personalidade do repórter, ou seja do (λ''), nós a detectamos através, também, do emprego da linguagem denotativa e da hipótese sugerida de um possível trabalho investigativo.

O “L” ao longo do texto organiza os posicionamentos dos λ s e o operador argumentativo preferido é o *mas*, além de *contudo* e de expressões como *De um lado* e *De outro* e do emprego da conjunção *e* com valor adversativo elíptico.

Segundo Vogt (1980:103), a conjunção adversativa *mas* deriva não do *sed* adversativo latino, mas do advérbio *magis* que era um dos meios utilizados para formar o comparativo de superioridade. Assim sendo, o autor distingue o *mas SN*, que serve para retificar uma proposição, e o *mas PA*, que se aproxima da estrutura comparativa.

Observe, no texto em anexo, que as frases em itálico seguem o esquema *B mas PA*. Nesses casos, há a retirada da força argumentativa da primeira proposição e o fortalecimento da segunda.

Assim como aconteceu em relação a *L* e aos λ s, os enunciadores, também, se dividem entre enunciadores ligados à literatura e à realidade isto é, ao jornalismo.

Conforme a proposta de Cros, a primeira forma de intertextualidade que identificamos no texto foi a alusão feita ao PC como “um mestre do maquiavelismo”. E, isso vale ser colocado em destaque. Veja.

Em sua obra *O Príncipe* (1513), Maquiavel (1469-1527) considera o êxito político como o único critério relevante da ação política. O autor tornou-se um símbolo de hipocrisia, astúcia e intriga; seu sobrenome, soletrado com letra minúscula, passou a significar um tipo.

PC viveu entre os dois códigos: o das pessoas comuns e o dos políticos. O povo e a justiça até podem compreender o comportamento descrito acima em um político, mas não em um simples tesoureiro de campanha.

Depois, o autor de *Zélia foi o bolero e PC Farias foi o tango* faz uma referência a Günther Anders, que por sua vez refere-se a Kafka. Segundo Anders (1993:21), Kafka, também, reconhece o poder como mau. E em *A respeito da questão das leis*, ele as têm como segredos do grupo aristocrático.

No décimo primeiro parágrafo, Coelho refere-se a *Pai Goriot* de Balzac. Balzac (1799-1850), escritor francês, inaugurador do romance realista, construiu uma galeria de personagens obcecados pelo poder e pelo dinheiro. A descrição do protagonista feita por esse notável escritor faz com que nos lembremos muito do enriquecimento de PC e sua relação com todos aqueles que fizeram parte do governo Collor.

O autor faz, ainda, mais uma vez, referência a Balzac, mas desta vez, seu nome está ligado aos de Stendhal e de Tolstoi.

A ordem enumerativa dos autores, tal como foi colocada por Coelho, nos remete a Stendhal, na organização das punições, a Balzac, na invocação das coincidências e a Tolstoi, no didatismo de seu estilo; justamente àquilo que o autor mais ressalta na crônica: “de certo modo (o romance) é uma máquina voltada a conferir sentido à massa caótica dos fatos.”

Marcelo Coelho, também, faz referências a pessoas, que após o impeachment do ex-presidente Collor, morreram: Neuma - esposa de Paulo César Farias - e Ulisses Guimarães- desaparecido em acidente aéreo. E, ainda, a Ibsen Pinheiro que desapareceu do cenário político.

Preocupado com a criação literária, Coelho comenta que PC viveu sua farsa a Nelson Rodrigues. E isso nos traz à memória as extravagâncias de PC, seus envolvimento amorosos e a sua falta de discrição em relação a assuntos dessa natureza.

Associamos o título da crônica à definição do dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira por registrar o termo dançar, entre outras acepções, como gíria: sair-se mal; não alcançar o esperado.

Dentro desse contexto, vimos Zélia Cardoso de Melo expor-se ridiculamente ao assumir em público seu romance com o ministro Bernardo Cabral. Essa relação foi mais um motivo dentre tantos outros para que ela fosse perdendo a credibilidade dentro do governo e “dançasse”, dançasse em ritmo de bolero - ritmo suave. Parece-nos que aposentou-se precocemente, ou melhor, preferiu outra função: a de dona de casa. Paulo César Farias *dançou* em ritmo de tango - ritmo forte - ao ser preso e ao morrer; não importa o ritmo, para ele, tudo acabou ao som de balas.

No início do último parágrafo, temos a impressão que o autor faz uma alusão à idéia central do conto *Through the Looking Glass* de Lewis Carroll e ao conto de Jorge Luiz Borges *Las ruinas circulares*, onde um homem está empenhado em sonhar um outro homem, que também está sendo sonhado. Aqui, o autor não se refere obviamente ao sonho do homem, mas nos transformou a todos em atores, nos colocou dentro de uma telenovela, nos transportou para dentro de uma possível obra ficcional.

3. Conclusão

Mostramos, conforme nosso primeiro objetivo, dentro de uma linha cronológica, a importância da investigação da polifonia e da heterogeneidade enunciativa no texto jornalístico, como propõem Authier-Revuz, Ducrot e Cross. Veja que o trabalho com esse tipo de texto constitui-se em uma estratégia valiosíssima para o ensino de leitura no 2º grau, principalmente, porque, muito freqüentemente, ele nos apresenta uma relação intertextual com textos literários, despertando em nossos jovens o interesse pela leitura dos clássicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERS, G. (1993) *Kafka: pró e contra*. São Paulo. Ed. Perspectiva
AUTHIER-REVUZ, J. (1982) “Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours”. In *DRLAV* n° 26.

- BORGES, J.L. (1992) "Las ruinas circulares". In *Narraciones*. Catedra Letras Hispánicas.
- COELHO, M. (1996) "Zélia foi o bolero, PC Farias foi o tango" In *Folha de São Paulo*, Ilustrada 4-7, (26/06/96)
- CROS, N. P. (1996) *Introduction à l'Intertextualité*. Paris, Dunod.
- DUCROT, O (1972) "Esboço de uma teoria polifônica da enunciação". In *O Dizer e o Dito*. Campinas, São Paulo, Pontes, 1987.
- GADET, F. & HAK, T. (1993) *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, Campinas, Ed. da UNICAMP.
- HAUSER, A. (1976) *Maneirismo*. São Paulo, Editora Perspectiva
- ORLANDI, E.P. (1983) "A produção da leitura e suas condições " In: *Leitura Teoria e Prática*, ano 2, n°1, Campinas, Editora Mercado Aberto.
- VOGT, C. (1980) *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. São Paulo, Hucitec-F

Anexo

Zélia foi o bolero, PC Farias foi o tango

1. Paulo César Farias era ao mesmo tempo uma figura misteriosa e uma figura banal. *O bigodinho, a barriga, a altura, os óculos fora de moda faziam de PC um personagem quase inofensivo; mas, atrás dessa imagem corriqueira, escondia-se um gênio do mal, um mestre do maquiavelismo, um bruxo escuro.*

2. *De um lado, PC era totalmente antidramático. Era o anticlímax das ladainhas em torno da impunidade.* Foi punido e preso, ao contrário de muitos outros, porque era óbvio, quase medíocre na malignidade.

3. *De outro, era uma espécie de gênio, incompreensível, tortuoso, indevassável.* Era o mistério em pessoa.

4. *Sua morte agrava e reproduz a ambigüidade (sic). Foi misteriosa e simples, trágica e tola, óbvia e confusa .*

5. O ensaísta alemão Gunther Anders disse, numa frase memorável, que nas histórias de Kafka o mais espantoso é que os fatos espantosos não espantam ninguém .

6. PC Farias vocacionou-se para ser um personagem de Kafka: carregou durante a vida enigmas e promessas de revelação, *foi repositório de podres inconfessáveis do poder, mas em sua auto-afirmada pureza era um desentendido, um inocente, uma vítima.*

7.Foi o único a ser punido no Collorgate. Isso lhe conferia uma aura de inocência. Por que só o PC? Seu rosto banal, seu bigodinho, testemunhavam a favor dele.

8.Era a imagem do pouca-coisa do café-pequeno, da mediocridade no mal, enquanto Collor continuava impune.

9.O assassinato de PC Farias surge, assim, como uma vingança, como um extra de punição. Pagou preso por suas desfeitas; não era o bastante.

10.Collor, Zélia e companhia vivem atualmente em estado de pureza. PC teve de ser imolado, PC teve de morrer em pagamento imaginário, em cremação simbólica da era Collor, para salvar, com sua dupla punição de presídio e balas, a alma impune dos demais.

11.PC Farias surge assim como o Cristo da era Collor, assim como o Pai Goriot de Balzac era, numa frase extremo mau gosto, um “Cristo da paternidade”, no romance que leva seu nome.

12.Mas os dois últimos parágrafos estão muito grandiloquentes. Tentemos outro ângulo de análise.

13.José Serra observou com razão que essa morte de PC valeria um romance. O que ele quis dizer com isso? Refletiu a expectativa de que, no romance clássico, o de Stendhal, Balzac, Tolstoi, trata-se antes de tudo de dar ordem ao caos cotidiano, fatural, mortífero da vida.

14.O jornalismo lida basicamente com duas ordens de coisas: os fatos - “Tornado no México mata 50 pessoas”- e as revelações - “Funcionários da creche vendiam cocaína “.No caso da morte de PC Farias, há o fato puro e simples. E a procura desesperada de alguma revelação.

15.*Ou seja, seria ruim, jornalisticamente e esteticamente, que PC tivesse sido assassinado por ciúme ou por ímpeto passional.*

16.*Seria ótimo, do ponto de vista do repórter, que PC tivesse sido morto por uma conspiração mafiosa interessada na “queima de arquivos”.*

17.Se admitirmos a versão de um crime passional, a morte de PC Farias se empobrece e fica banalizada.

18.Não podemos agüentar o banal, o acaso, o sem-sentido da vida e da morte. Para voltar à frase de José Serra: a morte de PC valeria um romance, porque todo romance de certo modo é uma máquina voltada a conferir sentido à massa caótica dos fatos. A arte, já se disse, é a organização do empírico, do fatural.

19.Há, contudo, outros modos de se organizar a confusão dos fatos. Um desses modos é a superstição -maldições trágicas do impeachment,

por exemplo, atingindo Ulysses Guimarães, Ibsen Pinheiro, Neuma (a ex-mulher de PC) etc.

20.Outro modo é a ficção de uma justiça divina, pela qual PC teria finalmente expiado seus crimes.

21.O romance é o laicismo do destino pessoal . Organiza punições, invoca coincidências, equilibra acasos e desordens num plano genial do autor.

22.Pedir que a morte de PC Farias vire romance, ou biografia (que é a forma do romance atualmente), equiivale a pedir um pouco de ordem e de sentido a esse caótico, incompreensível assassinato.

23.Se eu fosse romancista, pensaria no seguinte. PC Farias era uma figurinha valsista, um personagem de tango, um latino-americano de bigodes em meio à ficção dinâmica do governo Collor.

24.Zélia foi o bolero; na versão passional, PC teria morrido em ritmo de tango argentino. Há uma coerência, uma promessa de organização estética na surpresa de seu assassinato.

25.Como tudo no Brasil, esse tango, esse romance possível, soam desafinados.

26.O episódio tem mais o ar de farsa à Nelson Rodrigues do que tragédia ou de épico pessoal.(...)

27.Domestica-se, assim, o que possa haver de trágico ou de épico na esfera pública. Resume-se a caso passional e a crônica sórdida de polícia uma trajetória política das mais instrutivas e reveladoras.

28.O sentimental, o tanguero, o nelson-rodriguiano da coisa aniquila o que houver de politizável e de suspeito na vida de PC Farias.

29.Parece existir uma sina sentimental na história política do país. Tudo se despolitiza e se emociona, toda punição se torna antijurídica, toda abominação se atenua, todo combate se converte em melodrama lacrimoso.

30.Estamos todos dentro de uma telenovela. E o acaso, o absurdo, o improvável - a morte de Tancredo, o caso de Zélia com Bernardo, a volta triunfal de Kandir - inscrevem-se nessa ordem maluca, trágica e sorridente, da qual os brasileiros, num misto de orgulho, sentimentalismo e de deboche, se orgulham, enquanto não cessam de se queixar em vão.

COELHO, Marcelo. Folha de São Paulo. Ilustrada, 26/06/96